

reinventando a prática alfabetizadora de paulo freire. uma experiência de alfabetização filosófica em Pau dos Ferros, RN¹

ana corina salas²

universidade do estado do rio de janeiro, rio de janeiro, brasil

orcid id: 0000-0003-0239-0420

ana maria monte coelho frota³

universidade federal do ceará, fortaleza, ce, brasil

orcid id: 0000-0003-4890-5821

carlineide almeida⁴

universidade do estado do rio de janeiro, rio de janeiro, brasil

orcid id: 0000-0001-5305-895X

josé ricardo santiago jr.⁵

universidade do estado do rio de janeiro, rio de janeiro, brasil

orcid id: 0000-0003-0546-8932

karyne dias coutinho⁶

universidade federal de rio grande do norte, caicó, brasil

orcid id: 0000-0003-2703-5839

marcio nicodemos⁷

universidade do estado do rio de janeiro, rio de janeiro, brasil

orcid id: 0000-0003-3830-0714

maria reilta dantas cirino⁸

universidade do estado de rio grande do norte, caicó, rn, brasil

orcid id: 0000-0003-2362-7271

meirilene dos santos aráujo barbosa⁹

universidade federal do ceará, fortaleza, ce, brasil

orcid id: 0000-0003-0803-0557

óscar pulido cortés¹⁰

universidad pedagógica y tecnológica de colombia, uptc, tunja, colombia

orcid id: 0000-0002-3863-5007

priscila liz belmont¹¹

universidade do estado do rio de janeiro, rio de janeiro, brasil

orcid id: 0000-0003-4346-6137

robson roberto martins lins¹²

universidade do estado do rio de janeiro, rio de janeiro, brasil

orcid id: 0000-0002-6254-6530

walter omar kohan¹³

universidade do estado do rio de janeiro, rio de janeiro, brasil

orcid id: 0000-0002-2263-9732

¹ O presente texto foi escrito coletivamente. Cada dupla responsável por uma das cinco salas durante a alfabetização filosófica foi responsável pela escrita de uma das cinco seções que compõe este texto. O último autor escreveu a apresentação e as considerações finais. Todos revisaram e contribuíram para a versão final do texto. Agradecemos o apoio da CAPES (CAPES/Print, Processo N° 88881.311741/2018-01), CNPq (Processo: 307724/2019-0), FAPERJ (Processos E-26/201.039/2022 e E-26/210.448/2022) e as observações das/os revisores que permitiram aprimorar o presente texto.

² E-mail: anacorinasalascorrea@gmail.com

³ E-mail: anafrota@ufc.br

⁴ E-mail: carlaalmeida_rn@hotmail.com

⁵ E-mail: z.ricardo.santiago@gmail.com

⁶ E-mail: kdiascoutinho@gmail.com

⁷ E-mail: marcio.nicodemos@gmail.com

⁸ E-mail: mariareilta@hotmail.com

⁹ E-mail: meirilenesab@gmail.com

¹⁰ E-mail: oscar.pulido@uptc.edu.co

¹¹ E-mail: pribelmont@gmail.com

¹² E-mail: robsonlins.uerj.philo@gmail.com

¹³ E-mail: wokohan@gmail.com

resumo

O presente texto narra uma experiência de formação de alfabetizadores de jovens e adultos: uma alfabetização filosófica de 40 horas com 300 alfabetizadores em julho de 2022, como primeira etapa do Programa “Supera RN” em Pau dos Ferros, dentro da Política de Superação do Analfabetismo do Estado do Rio Grande do Norte (RN). O texto tematiza em que sentido a experiência de Alfabetização filosófica se inspira e ao mesmo tempo se diferencia do curso de Alfabetização oferecido por Paulo Freire em Angicos em 1963. Inspirado na curiosidade e no compromisso de Paulo Freire com os esfarrapados do mundo, o conceito “alfabetização filosófica” propõe uma formação experiencial sustentada nas seguintes disposições: escutar atentamente o mundo humano e não humano que nos rodeia; pensar juntos com cuidado e calma; relacionarmo-nos cooperativa e não competitivamente com as ideias das outras pessoas; perguntarmo-nos, colocando em questão, nossa vida e a maneira como nos relacionamos com ela, num tempo especial, singular, suspenso; conversar como iguais na busca de enfrentar as exigências de nossa comunidade; inventar novas formas de estar com outras e outros. O texto apresenta como essas disposições foram pensadas e praticadas durante a alfabetização filosófica em Pau dos Ferros, RN, através de cinco princípios (perguntar; escutar; tempo de infância; igualdade; pensar juntos) e lança algumas perguntas sobre possíveis desdobramentos da alfabetização filosófica no campo de formação de professores.

palavras-chave: alfabetização filosófica; Paulo Freire; infância; escuta; pedagogia menina da pergunta.

reinventing paulo freire's literacy practice. a philosophical literacy experience in Pau dos Ferros, RN

abstract

This text chronicles a unique educational experience for youth and adult literacy teachers: a 40-hour philosophical literacy course with 300 literacy teachers in July 2022, as the first stage of the "Supera RN" Program in Pau dos Ferros, as part of the Policy to Overcome Illiteracy in the State of Rio Grande do Norte (RN). The text discusses how the experience of philosophical literacy is inspired by and at the same time differs from the literacy course offered by Paulo Freire in Angicos in 1963. Inspired by Freire's curiosity and commitment to the excluded, the concept of "philosophical literacy" refers to a form of experiential education based on the following dispositions: to listen attentively to the human and non-human world around us; to think carefully and calmly together; to relate cooperatively and not competitively to other people's ideas; to ask ourselves questions about our life and the way we relate to it, in the special, singular, suspended time of inquiry; to dialogue as equals; to face the demands of our community; to invent new ways of being with others. The text describes how these dispositions were thought about and practiced during the philosophical literacy course in Pau dos Ferros, RN, in light of five principles—asking; listening; childhood temporality; equality; thinking together—and poses some further questions about possible ways of promoting philosophical literacy in the field of teacher education.

keywords: philosophical literacy; Paulo Freire; childhood; listening; pedagogy of the question.

reinventando a prática alfabetizadora de paulo freire. uma experiência de alfabetização filosófica em pau dos ferros, RN.

reinventando la práctica alfabetizadora de paulo freire. una experiencia de alfabetización filosófica en Pau dos Ferros, RN

resumen

Este texto relata una experiencia de formación de alfabetizadores de jóvenes y adultos: un curso de alfabetización filosófica de 40 horas con 300 alfabetizadores en julio de 2022, como primera etapa del Programa "Supera RN" en Pau dos Ferros, en el marco de la Política de Superación del Analfabetismo en el Estado de Rio Grande do Norte (RN). El texto tematiza en qué sentido la experiencia de alfabetización filosófica se inspira y al mismo tiempo se diferencia del curso de alfabetización ofrecido por Paulo Freire en Angicos en 1963. Inspirado en la curiosidad y el compromiso de Paulo Freire con los excluidos del mundo, el concepto de "alfabetización filosófica" propone una educación vivencial basada en las siguientes disposiciones: escuchar atentamente el mundo humano y no humano que nos rodea; pensar juntos con cuidado y calma; relacionarnos de forma cooperativa y no competitiva con las ideas de los demás; hacernos preguntas sobre nuestra vida y la forma en que nos relacionamos con ella, en un tiempo especial, singular y suspendido; hablar de igual a igual en la búsqueda de hacer frente a las demandas de nuestra comunidad; inventar nuevas formas de estar con los demás. El texto presenta cómo esas disposiciones fueron pensadas y practicadas durante la alfabetización filosófica en Pau dos Ferros, RN, a través de cinco principios (preguntar; escuchar; tiempo de infancia; igualdad; pensar juntos) y plantea algunas cuestiones sobre posibles despliegues de la alfabetización filosófica en el ámbito de la formación docente.

palabras clave: alfabetización filosófica; Paulo Freire; infancia; escucha; pedagogía niña de la pregunta

reinventando a prática alfabetizadora de paulo freire. uma experiência de alfabetização filosófica em Pau dos Ferros, RN.

Em 1963, Paulo Freire coordenou um curso de alfabetização em Angicos, RN, que revolucionou o mundo da educação de jovens e adultos: em 40 horas foram alfabetizados 300 adultos com temas geradores, sem cartilhas, à escuta dos saberes das pessoas alfabetizandas (Lyra, 1996). Em 1964, Paulo Freire começava um Plano Nacional de Alfabetização quando a ditadura que se impôs violentamente no Brasil cancelou o plano e encarcerou Paulo Freire, que depois teve que se exilar: o Brasil ainda hoje sofre por essa ditadura e essa proscrição.

Entre agosto e dezembro de 2021, Walter Kohan, coordenador do NEFI, realizou uma viagem pedagógica de 100 dias para comemorar os 100 anos de Paulo Freire. Percorreu 15 mil quilômetros no Nordeste realizando exercícios de uma pedagogia menina da pergunta em escolas, universidades, assentamentos, comunidades quilombolas¹⁴. Uma das paradas dessa viagem foi Pau dos Ferros, no interior do Rio Grande do Norte. Junto à Coordenadora da 15ª Diretoria Regional de Ensino e Cultura do Rio Grande do Norte, Maria Aparecida Vieira Diógenes, começaram a sonhar em reinventar o curso de Angicos. Afinal, como o próprio Paulo Freire afirma em *Por uma pedagogia da pergunta*: “Não é por outra razão que sempre digo que a única maneira que alguém tem de aplicar, no seu contexto, alguma das proposições que fiz é exatamente refazer-me”. (Freire; Faundez, 2002, p. 41).

Uma alfabetização filosófica de 40 horas com 300 alfabetizadores de jovens e adultos seria a primeira etapa do Programa “Supera RN” em Pau dos Ferros, como parte da Política de Superação do Analfabetismo do Estado do Rio Grande do Norte (RN). Como o programa afirma “O direito à educação tem sido negado a parcela significativa das camadas populares, o que interfere diretamente na vida dos seres humanos e contribui com a exclusão social, perda da autoestima, dificuldade para entrar no mercado de trabalho, dentre outros fatores que

¹⁴ Essa viagem está relatada em Kohan (2022). “Pedagogia menina da pergunta” é um conceito em construção que é experienciado no NEFI/UERJ. Não é um método nem uma técnica. Confira uma apresentação dela, nesse mesmo livro.

reinventando a prática alfabetizadora de paulo freire. uma experiência de alfabetização filosófica em pau dos ferros, RN.

evidenciam a pertinência do desenvolvimento de políticas e programas que promovam a superação do analfabetismo no RN” (Rio Grande do Norte, 2022).

Em junho de 2022, uma equipe do NEFI integrada por Ana Corina Salas, Ana Maria Frota, Carlineide Almeida, José Ricardo Santiago Jr., Karyne Dias Coutinho, Marcio Nicodemos, Maria Reilta Dantas Cirino, Meirilene dos Santos Araújo Barbosa, Óscar Pulido Cortés, Priscila Liz Belmont e Walter Omar Kohan esteve presente em Pau dos Ferros para realizar a formação que durou 40 horas entre os dias 6 e 10 e teve lugar no Campus da Universidade Federal do Semi Árido, UFERSA. A equipe do NEFI trabalhou em cinco duplas. Na quarta-feira, dia 8, chegou Robson Roberto Martins Lins para ocupar o lugar de Carlineide Almeida, que testou positivo para COVID-19.

Nos tempos difíceis em que vivemos, cheios de desafios e complexidades, dispostos a não deixar de esperar, alfabetizar filosoficamente alfabetizadores no sertão do Rio Grande do Norte, mais especificamente em Pau dos Ferros e sua circunvizinhança, configurou-se para nós como uma oportunidade de experienciar uma meninice conectiva, inventiva, criativa.

Em que sentido a experiência de Alfabetização filosófica se inspira e ao mesmo tempo se diferencia do curso de Alfabetização de Angicos em 1963? Ela se inspira numa leitura da vida de Paulo Freire comprometida politicamente com “os renegados, negados, proibidos de ler a palavra, relendo o mundo” (Freire *apud* Pelandré, 2014, p. 14). Junto à curiosidade, esse compromisso político é o que tem acompanhado Paulo Freire em toda sua vida educadora, muito mais do que um método (Kohan, 2021). Claro que surgem duas diferenças marcantes: por um lado, o curso em Pau dos Ferros foi realizado com alfabetizadores e não alfabetizandos; por outro lado, ele foi uma “alfabetização filosófica”. E o que é uma alfabetização filosófica?

Na carta de apresentação – que colocamos como anexo a este texto – ensaiamos uma tentativa de pensar essa pergunta a partir do que buscamos praticar durante a formação: alfabetizarmos juntos o nosso pensar alimentando algumas disposições que alimentem nossa curiosidade e nosso compromisso político. Essas disposições são: escutar atentamente o mundo humano e não

humano que nos rodeia; pensar junto com cuidado e calma; relacionarmo-nos cooperativa e não competitivamente com as ideias das outras pessoas; perguntarmo-nos, colocando em questão, nossa vida e a maneira como nos relacionamos com ela, num tempo especial, singular, suspenso; conversar como iguais na busca de enfrentar as exigências de nossa comunidade; inventar novas formas de estar com outras e outros. A seguir apresentaremos essas disposições da forma em que foram pensadas e praticadas durante a alfabetização filosófica em Pau dos Ferros, RN, através de cinco princípios em que concentramos as atividades de cada dia: perguntar; escutar; tempo de infância; igualdade; pensar juntos. Os princípios se entrelaçam, claro, e isso será patente nas seções seguintes.

Perguntar

Qual o lugar do perguntar numa experiência de alfabetização filosófica? O que o perguntar instaura em nós? Pensamentos? Diálogos? Rupturas? Encontros? Desencontros? As inquietações que nos atravessam são fruto de uma maneira de estar no mundo, com as pessoas e com nós mesmos, mediante uma proposta inventiva, criadora, enigmática e curiosa vivenciada como alfabetização filosófica, em uma cidade do interior do Rio Grande do Norte, RN, Pau dos Ferros.

Nossos encontros de alfabetização filosófica eram cada vez mais indecifráveis, visto que não respondíamos nossas próprias inquietações nem tampouco as dos outros; ao contrário, alimentávamos nossas indagações a ponto de lançarmo-nos no mar, ou melhor dizendo, nos rios de Pau dos Ferros para, num movimento espiralado, pensarmos junto aos alfabetizadores participantes um pensar *entre* ou *a partir* das perguntas. Alfabetizar filosoficamente com/na/entre/a partir da pergunta ofereceu a nós, homens e mulheres, equipe do NEFI e mediadores/as de alfabetização e letramento do projeto Supera RN, um esvaziamento das nossas convicções e certezas absolutas.

Assim, a alfabetização filosófica foi uma experiência, um convite, uma aposta em defesa de uma educação *com* todos e *para* todos, afirmando a vida como problema filosófico (Kohan, 2019): nela, a filosofia e o conhecimento em geral não resolvem nada, mas perguntam, e perguntam bem (Freire; Faundez, 2002). Essa

reinventando a prática alfabetizadora de paulo freire. uma experiência de alfabetização filosófica em pau dos ferros, RN.

alfabetização vive do perguntar que alimenta a curiosidade; ela começa e termina perguntando e perguntando-se a vida e o mundo.

Durante a alfabetização filosófica em Pau dos Ferros, as perguntas pululavam em todos os espaços: na preparação diária dos exercícios de pedagogia menina; na avaliação diária de nossa equipe do trabalho realizado; nos exercícios que propúnhamos em cada um dos cinco grupos em que organizamos a turma. As perguntas abriam mais e mais questões. E ficavam lá, tomando sol e se aquecendo com o calor humano das quase 300 pessoas que participaram da experiência. Sem explicações, sem aulas, sem teorizações, chegamos juntos, pensamos juntos, perguntamos juntos. Dividimos pensamentos, sentimentos, sonhos, medos, frustrações, desejos. A cada encontro a pergunta parecia abrir, desalojar, esvaziar, nos convocar à presença. Fizemos grupos e experienciamos com eles caminhos nada retos, pois como bem nos diria Barros (2008), a reta é uma curva que não sonha. Nesses dias, sonhamos!!!! Nossas retas se entortaram um pouco. E foi bom.

A estranheza se colocou e se desalojou. A experiência provocou tremores (Larrosa, 2015) e muitas outras indagações: o que é alfabetizar? O que é filosofar? O que é educar? O que é pensar? O que é sentir? Qual o sentido de ficarmos sem resposta? E fomos nos tornando cômicos de nós mesmos. Com desconforto, angústia, também alegria e possibilidade de brincar. “A inquietude pertence, sobretudo, às crianças e aos viajantes” Larrosa avisa (2015, p. 105). Fomos viajantes, fizemos o caminho enquanto caminhávamos. Talvez fomos crianças brincando de problematizar seu mundo. Ou talvez tenhamos sido crianças em viagem.

A Pergunta nos acriançou, nos permitiu, entre todos, perguntar e, com ela, olhar, escutar, sentir, pensar, ultrapassar os limites cheios de ranço que em muitos momentos delimitam nossa vida. Na verdade, obedecemos à (des)ordem que instala o perguntar porque:

A alfabetização tem de ampliar-se em diferentes linguagens. Não é só aprender a ler e escrever; é apropriar-se de um conhecimento básico em todos os níveis da vida, que o ser humano possa progressivamente ter condições de responder às perguntas essenciais que nosso corpo, nossa existência cotidiana nos colocam (Freire; Faundez, 2002, p. 90).

Ampliamos, reinventamos, meninizamos a alfabetização a partir da dimensão filosófica, questionadora de sua prática. E buscamos não responder essas perguntas mas deixá-las abertas, encendidas, expectantes do que o pensar pudesse continuar a querer pensar. Alfabetizar filosoficamente transformou-se em um caminho de muitos caminhos, um convite para começar, pensar juntos, em silêncio, em voz alta, um exercício de encontros e desencontros, rupturas, um modo de habitar espaços dentro e fora do pensamento. Na alfabetização filosófica o perguntar se configura como uma maneira de habitar o mundo.

O perguntar é um dialogar que nos convida a colocar em questão o que sabemos, seja para aceitar o diferente, seja para saber melhor o que já sabemos, seja para saber algo que ainda não sabemos, seja para (des)sabermos o que já sabemos. A pergunta é essa atividade de andar por lugares conhecidos e desconhecidos, transitar por entre a invisibilidade do óbvio, suspendendo, profanando o caminho, problematizando as posturas, de quem aprende e de quem ensina. Nesta relação, o que a pergunta pode proporcionar a quem ensina e a quem aprende?

Se partirmos do princípio que a alfabetização é um processo de aprendizagem coletiva, mútua e recíproca, em que quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (Freire, 2021) e através do exercício filosófico somos convidados a pensar, ao mesmo tempo o perguntar potencializa e estimula uma educação amorosa, inventiva, curiosa, atenta, aberta. Foi bem isso que encontramos na alfabetização filosófica em Pau dos Ferros: um perguntar para pensar com os outros e consigo mesmo, a vida e o mundo compartilhado.

No princípio, uma escuta / Na escuta, um princípio: escutar

Fragmentos de escuta 1. Escutamos o princípio. Escutamos o vento. Escutamos a universidade. Escutamos as vozes. Escutamos as cartas. Escutamos um passarinho. Escutamos as experiências. Escutamos as infâncias. Escutamos as distâncias. Escutamos a chuva. Escutamos os movimentos. Escutamos os sentimentos. Escutamos Pau dos Ferros. Escutamos as escolas. Escutamos o silêncio. Escutamos os sons. Escutamos a alfabetização. Escutamos um cachorro.

reinventando a prática alfabetizadora de paulo freire. uma experiência de alfabetização filosófica em pau dos ferros, RN.

Escutamos os tempos. Escutamos os saberes. Escutamos músicas. Escutamos as professoras. Escutamos as escritas. Escutamos o espanto. Escutamos um mosquito. Escutamos o Rio Grande do Norte. Escutamos a dignidade. Escutamos a docência. Escutamos as práticas. Escutamos os passos. Escutamos sorrisos... Escutamos?

Experiência de escuta 1. *Escutar à toa*. Somos trinta pessoas sentadas em círculo, sala ampla, janelas abertas. Proposta: ficarmos todos em silêncio e escutarmos.

- Começamos...
- Escutar o quê?
-
- O silêncio?
-
-
- Acabou?
-
-
-
- O que escutamos?
- As pessoas lá fora.
- As pessoas aqui dentro.
- *Prestei atenção no canto do passarinho.*
- Num momento eu quis fugir, aí me trouxe de volta.
- Alguém escutou algo que não sabe identificar?
- Não tenho certeza, mas *acho que escutei* o coração dela bater.
- Por quanto tempo ficamos escutando?
- Uns 10 minutos.
- Pois eu acho que foram 5.
- Senti como se fossem 15.
- Pra mim, *passaram só 3 minutos!*
- Escutamos somente os sons?
- Eu escutei um incômodo.

Experiência de escuta 2. *Escutar e ser escutado*. Formamos duplas e saímos da sala com nosso par. Seguimos caminhando lado a lado. Proposta: uma pessoa da dupla conta uma breve história sua, colocando ênfase em certas minúcias do ocorrido, enquanto a outra pessoa somente escuta, sem interferir. Concluída a narrativa, quem estava escutando repete para o narrador a história que escutou dele, tentando ser o mais fiel possível ao enredo, na sequência e nos detalhes em que foi contado, evitando aconselhar ou opinar e concentrando-se apenas em parafrasear. Em seguida, invertem-se os papéis.

- Como foi, para você, escutar e ser escutado?
- Às vezes eu acho que o outro está escutando o que eu disse, mas ele escutou outra coisa...
- E eu, às vezes, acho que estou escutando o que o outro disse, mas eu escutei outra coisa...

Os fragmentos e as experiências de escuta que vivemos na alfabetização filosófica em Pau dos Ferros, RN, podem nos dar o tom com o qual foi se compondo o princípio da escuta lá: que elementos estavam em jogo no escutar? *Prestar atenção*, disse um dos participantes do curso ao comentar o que escutou na experiência 1: “Prestei atenção no canto dos passarinhos”. Ainda naquele exercício, alguém fez referência à *ressonância* quando expressou sua dúvida de ter ou não escutado a batida do coração da colega ao lado. Conectado a isso, o mesmo *tempo* cronos, que foi comum a todos os participantes da experiência 1, se transformou em muitos: passaram, ao mesmo tempo, três minutos e quinze minutos, para ficarmos apenas nos extremos... A diversidade dos tempos cronometrados sugere que, talvez, se escute em outro tempo, não cronológico. Na segunda experiência, a fala de uma participante nos faz ouvir o *espreitar* do sentido como mais um elemento da escuta: “Que outra coisa pode ser essa que ele escutou do que eu disse ou que eu escutei do que ele disse?”.

Atenção, ressonância, tempo, espreita: é possível que sejam esses os timbres do escutar naquelas experiências? É como se aqueles estranhos exercícios nos permitissem sentir que a escuta está ao lado de um desejo de adivinhar o que escutamos, um desejo e uma tentativa carregados de tensionamentos... É como se,

reinventando a prática alfabetizadora de paulo freire. uma experiência de alfabetização filosófica em pau dos ferros, RN.

na escuta, estivéssemos espreitando o sentido do que ouvimos, tentando perceber o que se dá a escutar, o que ressoa em nós, mas que sentimos não estar inteiramente acessível, pois talvez habite um outro tempo que demande um outro tipo de atenção. Se assim for, a escuta nos colocaria num estado de alerta àquilo que pode emergir da relação entre falantes e escutantes. E, quem sabe, possamos abrimo-nos a uma escuta atenta do mundo.

Os timbres da escuta que identificamos nessas experiências de pensamento da alfabetização filosófica podem também nos levar a Paulo Freire, que, na sua *Pedagogia da Autonomia*, afirma a escuta como um dos saberes necessários à prática educativa. Freire (2019) nos diz que é *escutando* que professoras e professores *aprendem a falar* com os e as estudantes. E isso nos fez lembrar que, independente da função que se ocupa na relação pedagógica, é escutando que, no início da vida, todos nós aprendemos a falar: a escuta como princípio da fala ou, no princípio, uma escuta. Contudo,

escutar é obviamente algo que vai mais além da capacidade auditiva de cada um. Escutar, no sentido aqui discutido, significa a disponibilidade permanente por parte do sujeito que escuta para a abertura à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro (Freire, 2019, p. 117).

Escutar é ir além do ouvir; não é simplesmente usar o ouvido para perceber e identificar sons, mas *ser todo ouvidos* e deixar o som ecoar e reverberar em todo o seu ser. Para saber escutar, diz Freire (2019), é preciso saber que existem muitos modos de ser, pensar e agir e que a troca e a criação que acontece na comunicação durante a prática educativa começa por permitir-se aceitar a diferença do outro que ecoa em mim. Assim, escutar é *atenção, ressonância, tempo, espreita*; ouvido atento ao que ressoa em nós do que dizem as outras pessoas, as coisas, as situações, e dos bocados do que se passa no entorno; disponibilidade e entrega ao que talvez não se faça entender de modo imediato...

Fragmentos de escuta 2. Escutamos a esperança. Escutamos as palavras. Escutamos as diferenças. Escutamos os desejos. Escutamos os corpos. Escutamos as tentativas. Escutamos as conversas. Escutamos o ir e vir. Escutamos os pensamentos. Escutamos os sonhos. Escutamos o conviver. Escutamos a pedagogia. Escutamos danças. Escutamos a opressão. Escutamos os caminhos.

Escutamos as culturas. Escutamos as lutas. Escutamos o diálogo. Escutamos o choro. Escutamos a curiosidade. Escutamos a existência. Escutamos a boniteza. Escutamos o conflito. Escutamos a emancipação. Escutamos a porta. Escutamos a filosofia. Escutamos brincadeiras. Escutamos a gentileza. Escutamos a educação. Escutamos a amorosidade. Escutamos possibilidades... Escutamos?

Tempo de infância

“[...] o tempo que ficamos aqui não é igual
aos outros tempos. É como se o tempo lá fora onde
deixei meus filhos e outras coisas para vir para aqui ...
não existisse, o tempo lá fora... quando estou aqui, é tão
intenso que esqueço tudo... e isso me dá um conforto
por ter que deixar tantas coisas para estar aqui ...”
(Educatória, durante a formação em Alfabetização Filosófica,
Pau do Ferros, RN, junho 2022)

A fala emocionada da professora na epígrafe acima retrata algo que atravessou todo o Curso de Alfabetização Filosófica, de 6 a 10 de junho de 2022, em Pau dos Ferros, RN, especialmente na sala de alfabetização filosófica na qual ficamos, como mediadoras, Ana Corina Salas e Maria Reilta Cirino. Um cuidado com o tempo: como gastar o tempo? O que fazer com o tempo? O que o tempo faz conosco? Temos tempo? O tempo existe para nós ou existimos para o tempo? É possível “perder tempo”? De que maneiras “perdemos” ou “ganhamos” tempo?

Desde o primeiro contato físico com o grupo, atravessou-nos essa sensação de exigência de um tempo produtivo expressada nas perguntas que buscavam “um como”, uma fórmula, um método. Propomo-nos à disponibilidade e a condições para deixar que ocorra a experiência, para experimentar o tempo através da escuta de nós mesmas e do grupo a fim de, assim, irmos dando lugar à necessidade do caminho que estávamos a experienciar. Uma condição infantil? De acordo com Kohan (2009, p. 47), essa condição nos aciona uma “[...] faculdade chamada criação, transformação, revolução”.

De fato, não trazíamos um mapa, uma metodologia, mas trazíamos conosco alguns princípios inspiradores, construídos coletivamente no grupo do NEFI/UERJ, os quais nos apontam um *modo* de tentar fazer filosofia na relação com o outro, com nós mesmas: *a escuta*: aprender a maestria da escuta através do

reinventando a prática alfabetizadora de paulo freire. uma experiência de alfabetização filosófica em pau dos ferros, RN.

outro; *a pergunta*: como maneira de viver a infância como tempo singular de curiosidade; *a igualdade*: criar, coletivamente, condições para o empoderamento de si e do outro; *o tempo livre*: um exercício generoso para o pensar; *a infância*: enquanto maneira curiosa e insistente de habitar o mundo; *o diálogo participativo*: inspirado na maneira aberta de inter-relação com o outro; *a diferença*: como afirmação de nossas singularidades potencializadoras de nós mesmas e do outro, etc.

Contudo, até um dia antes de iniciar a alfabetização filosófica nada planejamos. Isso nos causou uma sensação de perigo, de risco, mas também de desejo de descoberta, de estar à beira de algo por vir... Por que não planejar? Para que nos mantermos sem planejamento? O que possibilita esse não planejamento? O que (des)potencializa o planejamento?

Não ter um planejamento não significa não estar preparados/as. Ao mesmo tempo, não era desejo nosso comunicar um saber de fora, advindo do lugar de quem sabe, já que somos um grupo da universidade e carregamos o estigma de "ensinamos" para quem não sabe. Ao contrário, nos envolvia o desejo de construir algo juntos, singular com aquele grupo de invenção. Todas as pessoas que estávamos ali no Curso de Alfabetização Filosófica, de uma forma ou de outra, cultivamos uma relação com o tempo, com a pergunta, com a escuta, com a igualdade, com o pensar juntos. O que iríamos fazer? Nos enche de gratidão lembrar a amorosidade com a qual fomos acolhidos/as; manifesto, em cada pequeno e singular gesto, os olhares, os corpos, as vestimentas cuidadas, os cheiros, os sabores, as manifestações culturais...

Circulou entre nós o desejo de saber quando tínhamos iniciado nossa formação. Se estávamos a iniciar cronologicamente ali, naquele primeiro momento ou se o Curso já tinha começado bem antes por ocasião do envio de uma carta-convite em nome do grupo do NEFI/UERJ. Talvez influenciadas pela composição musical *Quero começar*, do grupo Tiquequê, cantada pela Diná Mendes durante o curso, sentíamos nós mesmas, e não só no primeiro dia do curso: "Quero começar, mas não sei por onde. Onde será que o começo se esconde?".

Quando começamos algo? Quais são as condições para os inícios? Percebemos, pelos depoimentos e textos compartilhados que muitos/as estabeleceram uma relação sensível prévia com o grupo através da carta-convite, escreveram em resposta, compartilharam suas cartas-respostas com o grupo, e nos contaram, especialmente, sobre suas dúvidas a partir da carta-convite. Entre elas, o tempo: a utilização do tempo, o que faríamos durante uma semana com tanto tempo disponível para pensar. Teríamos um método a ser apresentado para elas/es? O que é uma alfabetização filosófica? Existe um tempo propício para ser alfabetizado/a? Quando estamos alfabetizados/as? O tempo da alfabetização tem relação com a idade? É igual para todo mundo?

Nos pomos, então, a tentar iniciar ou continuar o que já tínhamos começado, acolhendo as perguntas, em vista de acreditarmos ser a pergunta um princípio, uma força motriz para movimentar o pensar, para criar as condições para o pensar coletivo: é possível reinventar o método de alfabetização de Paulo Freire? Que êxitos podemos esperar com essa reinvenção? Como utilizar os conhecimentos prévios dos/as educandos e a filosofia na construção de uma aprendizagem significativa no processo de alfabetização? Como nós educadores/as podemos estimular a permanência dos/as educandos/as no processo de alfabetização? Quando aprendemos? É possível aprender perguntando? Podemos aprender sem perguntar? Será que vou aprender? Que caminhos vamos percorrer para alfabetizar? Por que as/os alfabetizandas/os com mais idade se acham incapazes de aprender? Entre tantas outras ...

Cuidamos de deixar *ecoar* essas perguntas, exploramo-las, buscamos perceber suas relações, possíveis alterações: quando? Como? Onde? Por que? Para quê? Qual? Quem? Demos continuidade ao perguntar, experimentando o perguntar, tendo cuidado com as perguntas, não buscando respondê-las, criando mais perguntas a partir das já feitas, trocando as perguntas com outros grupos, realizando novas perguntas às perguntas recebidas, pensando sobre elas, devolvendo ao grupo, provocando o grupo a perceber as possíveis relações entre as perguntas, se elas são passíveis de reelaboração, etc. Enfim, procurar vivenciar a sensação de perder tempo no movimento do perguntar, o qual não tem ali um fim

reinventando a prática alfabetizadora de paulo freire. uma experiência de alfabetização filosófica em pau dos ferros, RN.

“útil” em si mesmo, mas tem o potencial de empoderamento de si e do grupo, exercício de igualdade...

Em vários momentos, sentimos que o grupo estava a tal ponto envolvido em seu próprio movimento que nossas presenças ali, enquanto mediadoras, supostamente “controladoras do tempo”, parecia não fazer diferença: o grupo tinha encontrado uma maneira, um ritmo próprio... Um tempo livre? Escolar? Ou talvez algo do que nos diz Ferracini (s.d.), quando percebe a interconexão que se materializa entre tempo e corpo, não cronológico, mas aiônico: “O tempo aiônico é absolutamente corporal, mas sempre um corporal virtualizado no próprio tempo aiônico. Por isso o tempo aiônico é experiência, é devir, pois pode ser vivenciado no corpo-subjético” (p. 5).

Na experiência com as perguntas, além de nos manter na prática das perguntas, cuidamos de ter o tempo para nos deter, ir mais devagar, não ter pressa na perspectiva da produtividade cronológica. Insistimos em compreender a pergunta: o que pergunta essa pergunta? Que outras perguntas nos geram essas perguntas? Que perguntas precisamos nos fazer para nos aprofundar nessa pergunta? Quando uma pergunta é verdadeira? Existem perguntas verdadeiras e perguntas falsas? Por momentos tivemos receio de que a turma se queixasse de que estávamos a fazer o mesmo por “muito tempo”, de que não teria mais tanto espaço para mais tantas perguntas, mas, ao ponderarmos com o grupo, percebemos que, ao contrário do que temíamos, eles e elas pareciam cada vez mais envolvidos e envolvidas na experiência.

No segundo dia, passamos a escutar. Fizemos um exercício de escutar a outra pessoa e checar o que compreendemos do que ela está nos dizendo. Esse exercício terminava também com uma pergunta: “É isso o que você quis dizer?”, dando chances à pessoa de refazer o seu pensamento, se fosse o caso de não coincidir o nosso entendimento com o que ela trazia. Fizemos essa prática em duplas, e nós, enquanto professoras, a mantivemos ao longo dos três dias restantes. Para além de nos deter para compreender o que uma pergunta perguntava, ou que perguntas ela gerava, nos detemos para checar se estávamos a compreender o que cada uma dizia. Esse exercício nos colocava, enquanto grupo,

em estado de alerta, atenção e cuidado com o outro. Percebemos que foi algo sentido como muito importante para o grupo: perceber-se escutado. Eles e elas passaram a adotar e remeter a outros a prática de verificação: “Foi isso mesmo que você quis dizer?”.

Essa ideia de “perder tempo” guiou as decisões que nós, “professoras mediadoras”, fomos nos deixando invadir por esse tempo “esticado”, como viés para compor as experiências na nossa turma. Nunca tínhamos trabalhado juntas, então, também entre nós, mediadoras, bebíamos da busca de composição, de encontrar um ritmo que dissesse de nós duas. Íamos conversando antes, durante e depois dos encontros, e, inspiradas pelos acontecimentos do movimento com o grupo, íamos buscando propor os possíveis passos ou gestos para oferecer, convidar a seguir buscando uma maneira de habitar um espaço de alfabetização filosófica.

Fizemos a experiência de pensar um fragmento filosófico a partir de um fragmento de Heráclito: “A natureza ama ocultar-se”. Fizemos o movimento de desconstrução do fragmento original, substituição das palavras: as palavras podem ser vazias? Quando uma palavra é verdadeira? Buscamos, individual e coletivamente, suas relações, sentidos e, a partir delas, a construção de seu próprio fragmento filosófico autoral: “A tristeza adora se disfarçar”; “A soberba insiste em revelar-se”; “A emoção motiva a humanidade”; “A esperança espera liberta-se”; “A educação almeja expandir-se” etc.

Essa dinâmica de nos deter, para degustar, saborear cada acontecimento foi transversal nas nossas escolhas enquanto professoras-mediadoras, na seleção do que oferecemos ou não oferecemos para a turma. Essa prática de detenção do tempo diz algo da natureza de um tempo livre? O tempo livre é um tempo para juntas degustar, saborear cada ideia, cada acontecimento? É possível construir esse tempo no processo de alfabetização?

Ambas as práticas foram gerando um tempo que parecia outro, intenso, suspenso do tempo cronológico como expressou a professora na epígrafe inicial dessa seção: um tempo que acalenta, acolhe, alivia... era como se tivéssemos “tempo a perder”, como se “o seguinte” não fosse tão importante quanto o

reinventando a prática alfabetizadora de paulo freire. uma experiência de alfabetização filosófica em pau dos ferros, RN.

“agora”, o acontecimento que nos envolvia. Essa relação com o tempo, esse interesse genuíno em compreender o que a outra pessoa estava a dizer, esse respeito pelo tempo de elaboração do pensamento da outra pessoa; dar as chances para refazer o seu próprio pensamento, quando ele não foi compreensível, pareceu-nos que foi trazendo para a roda do grupo, de forma inevitável, o acontecimento dos outros princípios: a infância, a igualdade, a escuta e a cooperação entre todas nós que compomos a turma.

No penúltimo dia, colocamos na roda o convite de que cada pessoa trouxesse no dia seguinte algo, algum objeto que pudesse dizer de si, de sua presença no grupo. Foram compartilhados, trocados, presenteados vários objetos, imagens, símbolos da cultura e dos fazeres de cada um/a como maneira de ser e estar em presença no grupo. O que algo diz de nós? Quando podemos dizer algo de nós? No processo de alfabetização filosófica, podemos alfabetizar com instrumentos, palavras, sentidos de cada um/a dos/as envolvidos/as?

Ainda, recebemos a visita de outras turmas, as quais buscaram compartilhar fragmentos de seus fazeres em construção no processo da relação singular em alfabetização filosófica de cada turma: o fragmento de Paulo Freire sobre o método: “Eu preferiria dizer que não tenho método. O que eu tinha, quando muito jovem, há 30 anos ou 40 anos, não importa o tempo, era a curiosidade de um lado e o compromisso político do outro, em face dos renegados, dos negados, dos proibidos de ler a palavra, relendo o mundo” (*apud* Pelandré, 2014, p. 14); ou ainda, o fragmento de Freire que remete ao sentido de um tempo cronologicamente desobediente:

[...] sexagenário, tenho sete anos; sexagenário, eu tenho quinze anos; sexagenário, amo a onda do mar, adoro ver a neve caindo, parece até alienação. Algum companheiro meu de esquerda já estará dizendo: Paulo está irremediavelmente perdido. E eu diria a meu hipotético companheiro de esquerda: Eu estou achado: precisamente porque me perco olhando a neve cair. Sexagenário, eu tenho 25 anos. Sexagenário, eu amo novamente e começo a criar uma vida de novo (Freire, 2001, p. 101).

Por fim, inspiradas em Freire, quando afirma: “É nesse sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas da

liberdade” (2021, p. 107), nos pomos a pensar como poderíamos começar um começo envolvendo os/as futuros/as alfabetizando/as. Uma carta-convite? O que precisamos saber para elaborar uma carta? É possível escrever uma carta para alguém que ainda não sabe ler? Uma carta de re(começo)? O que pode entrar nessa carta-convite? Uma pergunta? Muitas perguntas? Qual o tempo de uma carta?

Qual é a relação com o tempo em uma sala de aula? Qual é o tempo de uma sala aula? É um tempo diferente do tempo cronológico? O tempo de cada uma das pessoas que está na aula é também diferente entre si? Como harmonizar os tempos? É preciso harmonizar o tempo? Compor um tempo comum? Um tempo que se perde? Um tempo que passa ou nos passa de outra forma? Que relação há entre os gestos que uma professora faz ou oferece na sala de aula e o tempo? Somos, nós professores e professoras alfabetizador/as uma espécie de mágicos/as, uns/umas artífices do/no tempo?

Escrevemos essas cartas e “perdemos um pouco mais de tempo”, fazendo o movimento coletivo e dialógico de pensar qual carta-convite poderia ser compartilhada na plenária final do curso junto aos outros grupos. Esse momento foi por demais especial! Pudemos perceber várias posturas reelaboradas, no entretempo do Curso, no sentido de ausência de disputa, ou de “que a minha carta é melhor”; ao contrário, algumas pessoas que desde o início ocupavam o lugar de fala cederam lugar ao outro, numa postura de que podemos aprender e ser juntos/as. Construímos algo comum? Tínhamos, enfim, começado nosso processo de alfabetização filosófica? Seria esse o método? A escuta, a pergunta, o diálogo, a igualdade, o tempo? Ou, no dizer de Freire (2021, p. 105): “A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada”.

Sobre o formar, o ensinar, talvez possamos seguir pensando, perguntando, “perdendo tempo” inspirados em Larrosa (2018, p. 210):

[...] o professor ensine o que ensine, trabalhe no que trabalhe, estude no que estude, sempre mantém viva uma pergunta: o que é (e o que não é) ensinar? o que é (e o que não é) aprender? o que é (e o que não é) formação, o que é (e o que não é) educação? (Larrosa, 2018, p. 210).

reinventando a prática alfabetizadora de paulo freire. uma experiência de alfabetização filosófica em pau dos ferros, RN.

Nosso coração está cheio de gratidão por termos tido a oportunidade de viver tão potente experiência de alfabetização filosófica; afirmamos com Freire (2021, p. 105): “Gostaria uma vez mais de deixar bem expresso o quanto aposto na liberdade, o quanto me parece fundamental que ela se exercite assumindo decisões”. Pensamos que a tentativa vivenciada através desse texto não dá conta de narrar a intensidade da experiência a que fomos submetidas. Também acreditamos ser essa a sensação própria da experiência que, de acordo com Larrosa (2015), dá sentido à educação. Assim, talvez, os acontecimentos que nos atravessaram na Alfabetização Filosófica em Pau dos Ferros, RN, possam ser nomeados por nós como e-ducativos, algo nos passou e foi tornado público, algo que nos transformou enquanto padecíamos na e com a experiência.

A igualdade

Quando um dos princípios de uma formação filosófica é a igualdade, como começamos? Antes de começar o encontro, enviamos uma carta aos professores que iriam participar da formação, apresentando-nos enquanto grupo e convidando-os a começar a nos escrever de volta, contando um pouco sobre si e suas também expectativas no encontro que começaria em alguns dias.

No primeiro dia do encontro percebemos que muitos escreveram cartas. Francicléa chora ao começar a leitura da sua carta, ela se diz emocionada: fazer parte daquele momento tinha um significado especial para ela, pois seu pai é analfabeto, e estar participando de um curso de alfabetização filosófica em sua região (município de José da Penha) depois de algum tempo afastada dos estudos era motivo de muita alegria, tanto quanto estar diante de “*pessoas tão sábias*”, sinalizado para nós. A sua fala afirmava uma desigualdade, uma hierarquia entre os sábios e os ignorantes. Pode um curso de formação de professores sobreviver a essa hierarquia? De onde nascem e por onde circulam os saberes num encontro de formação? Pode uma formação filosófica partir da igualdade num contexto onde a desigualdade está instalada no imaginário e nas práticas educativas?

Então, tentamos experimentar a igualdade num exercício constante de iniciar, com o conjunto das expressões e disposições do corpo, da voz e das

palavras, um autoconvite em acolher as diferenças. Um exercício de iniciar os sentidos da diferença, compreendendo que todos somos igualmente ativos nas relações com os saberes; para que essas relações possam ser percebidas em suas potências, é necessário criar e recriar espaços e tempos de alianças e amizades vivenciadas numa relação de igualdade.

A igualdade não advém do afastamento que examina as arestas, a massa, a uniformidade ou das métricas registradas pelo observador sobre o objeto, pois a distância que o separa do objeto é a mesma da ideia normativa que hierarquiza entre professor e aluno (Rancière, 2015); que busca identificar na generalidade do acontecimento a equivalência que se confunde com a igualdade. A generalidade, para Deleuze (2018), é caracterizada pela troca, substituição ou subtração de um termo por outro. Isto nos faz pensar que para a generalidade um (dois, três...) aluno a menos na sala de aula não faz a classe ser menos classe.

Toda fórmula que implique sua confusão é deplorável, como quando dizemos que duas coisas se assemelham como duas gotas d'água ou quando identificamos "só há ciência do geral" e "só há ciência do que se repete". Entre a repetição e a semelhança, mesmo extrema, a diferença é de natureza (Deleuze, 2018, p. 18).

Compreendemos a igualdade como aquilo que se assemelha ou que se repete? Esta pergunta nos convida experimentar mais conceitualmente a igualdade enquanto princípio: não para buscar na sala de aula, entre discentes, docentes e outros agentes, semelhanças em que eles se identifiquem ou projetem o "eu" sobre o "outro", mas uma prática de repetição como potência infinita do iniciar. Ela cria ecos, ruídos e curtos-circuitos que no próprio ato de se repetir expressam a diferença a cada instante que se repete.

Repetir é comportar-se, mas em relação a algo único ou singular, algo que não tem semelhante ou equivalente. Como conduta externa, esta repetição talvez seja o eco de uma vibração mais secreta, de uma repetição interior e mais profunda no singular que a alma (Deleuze, 2018, p. 18).

Encontrar a singularidade nas formas da repetição que nem sempre são as mesmas é entender a repetição como algo novo. Iniciar é estar diante do novo? Iniciamos uma repetição? Podemos iniciar e repetir os sentidos da igualdade nos encontros de uma alfabetização filosófica sem buscar a generalização ou a representação, mas a repetição singular das diferenças em cada instante que

reinventando a prática alfabetizadora de paulo freire. uma experiência de alfabetização filosófica em pau dos ferros, RN.

criamos e recriamos um movimento contínuo de iniciar com a igualdade? Pode a diferença ser algo único e singular que já não é a mesma por iniciar-se a cada momento diferente, como um acontecimento que expressa sua potência numa igualdade composta de diferenças?

Em nossos encontros de alfabetização filosófica, as formas e maneiras se repetem e, ao mesmo tempo, nunca são as mesmas; cada pessoa envolvida no encontro traz consigo uma multiplicidade de afetos, pensamentos e falas que abrem espaço para perguntas diferentes. A cada dia o encontro inicia algo novo. O princípio da igualdade está nessa repetição que nos permite experimentar, nesse iniciar, as potências de cada singularidade, que vai se atualizando a cada experiência.

Como nos permitimos encontrar as singularidades a partir da repetição? Como temos convidado a nós mesmos e ao outro para uma relação igualmente ativa com os saberes a ponto de quebrar as hierarquias que nos afastam da igualdade? Como criamos condições para que todos possam ter o desejo e a coragem de se sentir em igualdade? No último dia da formação, cada participante repetiu o gesto inicial de escrever uma carta de apresentação aos seus futuros educandos; nela, contaria como tinham sido esses dias de encontros e, ao mesmo tempo, narraria suas expectativas para novos começos com seus alunos. Francicléa também escreveu essa carta. Dessa vez, acrescenta que, apesar de ter ficado tanto tempo sem estudar, naquele momento se sentia confiante em seguir como professora e tão conhecedora dos saberes para uma alfabetização quanto qualquer outra pessoa naquela sala. Em um trecho de sua carta Francicléa diz que “todo ensino deve ser pautado em significados e a alfabetização filosófica tem essa forma de ensinar dando sentido e significação ao que se lê”. A partir dessa colocação, Francicléa nos possibilita pensar que, numa alfabetização filosófica, os significados e sentidos acontecem e/ou se confundem com o ensino e o ensinar. “Ensinar” é compreendido com uma finalidade? É possível ensinar o princípio da igualdade? O ensino pode ser afirmado como repetição da diferença?

Entendemos que a igualdade não é uma finalidade: não é alcançada no fim de um processo ou de um discurso normativo sobre o que é ser igual; também não

é fixa ou compacta, pois se dá na fluidez e multiplicidade da própria diferença; é um movimento que convida a criar e recriar inícios e repetições onde a diferença é experimentada como potência em múltiplas formas.

Pensar Juntos

Em 1884, o escultor francês Auguste Rodin reproduz, isoladamente, um dos elementos de sua grandiosa obra “Os Portões do Inferno”: um homem musculoso, nu e em meditação que representa o poeta Dante Alighieri pensando acerca de sua obra a *Divina Comédia*. Entre os setenta centímetros da escultura inicial e a soberba estátua de 1,86 metros, a obra mudou de nome, deixando de ser “O Poeta” e passando a se chamar “O Pensador”, tornando-se uma das representações artísticas mais difundidas sobre o ato de pensar na cultura ocidental. Atribui-se ao próprio Rodin a seguinte declaração: “O que faz meu Pensador pensar é que ele pensa não só com o cérebro, mas também com suas sobrancelhas tensas, suas narinas distendidas e seus lábios comprimidos. Ele pensa com cada músculo de seus braços e pernas, com seus punhos fechados e com seus artelhos curvados”.

Um pensamento tão intenso e vigoroso que se manifesta na fronteira entre o corpo e o espaço que o rodeia; que toma um vulto de tal proporção que chega às bordas da pele; que arqueia sobrancelhas; que imprime uma respiração mais intensa; que contrai lábios; que tensiona os músculos; que faz com que o corpo se curve sobre si mesmo. O que o artista francês talvez não tenha previsto é o quanto esta imagem contribuiria para a afirmação de certo sentido para o pensar: algo que se dá na individualidade dos sujeitos, contido nos limites do próprio corpo; algo individual que se manifesta na quietude da voz e na contemplação silenciosa.

Pensamos, contudo, que fomos atravessados por sentidos outros acerca do pensar nos dias que (com)partilhamos em Pau dos Ferros, durante os encontros do curso de Alfabetização Filosófica, desenvolvido no âmbito do “Projeto de Alfabetização: Supera, RN!”. Sem negar a dimensão individual do pensamento, apresentaremos outros sentidos. Na forma de perguntas: o que ocorre quando sujeitos com origens, histórias e percepções de mundo diferentes se encontram

reinventando a prática alfabetizadora de paulo freire. uma experiência de alfabetização filosófica em pau dos ferros, RN.

para pensarem juntos? É possível pensar com outros? Pode o pensamento ser algo coletivo? Qual é a potência de um encontro?

Nos encontros do curso de Alfabetização Filosófica, nos desafiámos a viver um tempo marcado pela atenção, presença e escuta. Afirmamos uma formação atravessada pela potência e pela beleza da incerteza e da imprevisibilidade. O que se manifestava no tempo que partilhávamos não poderia ser encontrado numa perspectiva prescritiva de formação, baseada no controle do tempo, do espaço, dos sujeitos e dos saberes. Estávamos, naquele momento, entregues à lógica do acontecimento que, como afirma Derrida, é “algo disruptivo, inaugural, singular, na medida em que não o vemos vir” (Derrida, 2012, p. 70).

O que levamos ao(s) outro(s) em um encontro? O que recebemos deste(s) outro(s) ao nos encontrarmos? O que fazemos juntos, o(s) outros(s) e nós, com as questões que se apresentam no *espaçotempo* que partilhamos? Talvez seja interessante nos determos um pouco sobre os sentidos que podemos atribuir ao encontro e ao ato de encontrar.

Encontrar e encontrar-se se relacionam com se deslocar. Ir ao encontro de algo ou alguém; ir ter com algo ou alguém. Confluir. Fluir junto. O poeta Vinicius de Moraes dizia que a vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida. Os encontros supõem movimentos que convergem e divergem, em nosso caso, entre pessoas que se dispuseram a juntos pensar a educação. Pensar com outro, externo a nós. Este estrangeiro, com o qual nos deparamos, nos convida a uma relação profunda e intensa com o movimento de perguntar e perguntar-nos; de pensar e de pensar-nos.

A questão do estrangeiro é uma questão de estrangeiro, uma questão vinda do estrangeiro, e uma questão ao estrangeiro, dirigida ao estrangeiro. Como se o estrangeiro fosse, primeiramente aquele que coloca a questão ou aquele a quem se endereça a primeira questão. Como se o estrangeiro fosse o ser-em-questão ou o ser-em-questão da questão. Mas também aquele que, ao colocar a primeira questão, me questiona. Que se pense na situação do terceiro e na justiça que Levinas analisa como o “nascimento da questão” (Derrida, 2003).

O nascimento da questão se dá no momento em que o outro se apresenta para nós? Como precisar o nascimento de uma questão? Ao compartilharmos nossas questões e nossos pensamentos estamos de certa forma dispendo

experiência de vida e apreendendo a partir das experiências de outros. A troca pode ampliar nosso modo de ver e de ser a partir de cada singularidade que compõe o coletivo, quando se parte de que todos temos igual capacidade de pensar e aprender.

A construção de um pensar coletivo pressupõe a presença, a escuta e a participação de todos de forma não competitiva, pois não pretende impor pontos de vista, mas perceber que se nos abrimos às diferenças elas podem nos enriquecer, pois sempre é possível ampliar ou mesmo transformar nossa percepção. Perante a questão “que elos se estabelecem no encontro que nos permitem pensar coletivamente?”, novamente Derrida, desta vez com suas proposições sobre herança, pode nos auxiliar.

O que nos aproxima no encontro é a forma com que nos relacionamos com o que o outro nos traz; com a herança manifestada em uma relação de alteridade e que, em uma perspectiva dicotômica, ofereceria a possibilidade de percebê-la como algo a ser aceito em sua inteireza ou recusada veementemente. Em Derrida, esta percepção ganha outro contorno.

O que se herda no encontro; o que nos traz o outro nesta perspectiva é algo que aceitamos. Todavia, nossa relação problematizará os sentidos que este outro apresenta. Construimos novos sentidos a partir do que se apresenta como herança neste encontro alteritário.

Pensar coletivamente, fazer parte de um coletivo, (com)partilhar, (con)viver relaciona-se com negar sentidos, com gerar outras condições para afirmá-los; possibilitar outras elaborações de sentidos. Talvez, a potência do pensamento afirmado no curso de alfabetização filosófica não possa ser ilustrada em fibras de bronze em músculos de metal, por não ser hermético, encerrado no indivíduo, impenetrável. Afirmamos um pensamento que se esparrame para além dos sujeitos, que nos seja, simultaneamente, próprio (no sentido de que faça parte de nós) e alheio (na medida em que se possa reconhecer o outro em sua composição). Um pensamento que não se comporte como obra finalizada, mas como movimento sempre aberto às percepções daqueles que o produzem.

reinventando a prática alfabetizadora de paulo freire. uma experiência de alfabetização filosófica em pau dos ferros, RN.

Palavras finais

O que é uma alfabetização filosófica? Em que medida nossa experiência de alfabetização filosófica em Pau dos Ferros, RN, em junho de 2022, como parte do programa “Supera, RN” afirma uma forma singular de formação de professores? Em que sentido ela é própria de uma realidade educacional específica ou pode ser alargada para outras propostas formativas? De que maneira os princípios que a animam extrapolam um contexto geopolítico, um nível de ensino, uma faixa etária dos educandos?

Quanto aos princípios: são eles compreensivos o suficiente? Há tensões demasiado fortes entre eles? Poderiam ser necessários outros princípios ou a reelaboração dos aqui propostos? Qual a potência da alfabetização filosófica emergente? Quais as suas possibilidades? Quais seus impactos? Ela pode dar lugar a novos paradigmas e novas estratégias nas políticas públicas de formação docente? Alfabetização ou literacia filosófica? Alfabetização filosófica e/ou das emoções? Alfabetização filosoficamente política? Ou politicamente filosófica?

As perguntas são muitas. E mesmo que possa parecer o contrário, só estamos começando. Como se começa numa educação filosófica: de coração e pensamento abertos; compartilhando sonhos e emoções; esperando; afirmando uma outra forma de exercer o poder na e para a educação; e eis o que, talvez, gere mais ruído ainda: uma alfabetização menina, infantil de jovens e adultos; uma educação sem idade para todas as idades; uma educação com escuta, tempo, perguntas, igualdade e coletividade infantis a qualquer idade. São tempos de esperar: estamos esperando uma outra educação, acompanhados de infância.

referências

- BARROS, Manoel de. *Memórias Inventadas*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- DERRIDA, Jacques. Uma certa possibilidade impossível de dizer o acontecimento. *Revista Cerrados*, 2012, v. 21, n. 33, p. 229-251.
- DERRIDA, Jacques. *Da Hospitalidade*. Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade. Tradução de Antonio Romane; revisão técnica de Paulo Ottoni. São Paulo: Escuta, 2003.

- FERRACINI, Renato. *O corpo-subjétil e as micropercepções*. Disponível em: <http://webartes.dominiotemporario.com/performancecorpopolitica/textos/tempoperformance/renato.pdf>. Acesso em: 4 ago. 2022.
- FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. *Por uma Pedagogia da Pergunta*. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002 [1985].
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo: UNESP, 2001.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 67. ed. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2021.
- KOHAN, Walter. Desafíos para pensar la enseñanza de la filosofía. *Cuestiones de Filosofía*. Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia, n. 11, p. 2-4, 2009. Disponível em: <https://revistas.uptc.edu.co/index.php/cuestionesfilosofia/article/view/649>.
- KOHAN, Walter. *Paulo Freire, mais do que nunca*. Uma biografia filosófica. Belo Horizonte: Vestígio, 2019.
- KOHAN, Walter. *Paulo Freire: um menino de 100 anos*. Rio de Janeiro: NEFI, 2021.
- KOHAN, Walter. *Uma viagem de sonhos impossíveis*. Rio de Janeiro: Autêntica, 2022.
- LARROSA, Jorge. *Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício de professor*. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.
- LARROSA, Jorge. *Tremores*. Escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- LYRA, Carlos. *As quarenta horas de Angicos: uma experiência pioneira em educação*. São Paulo: Cortez, 1996.
- PELANDRÉ, Nilcéa Lemos. Entrevista com Paulo Freire, *Eja em debate*, Florianópolis, a. 3, n. 4, p. 13-27, jul. 2014.
- RANCIÈRE, Jacques. *O Mestre Ignorante*. Cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- RIO GRANDE DO NORTE, 15ª DIREC. *Projeto de alfabetização: Supera RN*. Pau dos Ferros, 2022.

reinventando a prática alfabetizadora de paulo freire. uma experiência de alfabetização filosófica em pau dos ferros, RN.

Apêndice: Carta aos participantes do curso de Alfabetização Filosófica
(Pau dos Ferros, junho de 2020)

Prezada(o) participante do curso “Alfabetização Filosófica”, em Pau dos Ferros, RN

O que pode uma Educação Filosófica? Estamos muito felizes e agradecidos(as) à professora Aparecida Vieira, à sua equipe e à Secretaria de Educação do Rio Grande do Norte pelo convite para estarmos com você neste curso. Somos membros do NEFI (Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias) da UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro). Estaremos juntos(as) de segunda-feira, dia 6 de junho, até sexta-feira, dia 10 de junho. Oito horas todos os dias. Será um curso intenso. Em certo sentido, vamos reinventar o curso de alfabetização de 40 horas que Paulo Freire e sua equipe ofereceram a 300 jovens e adultos em Angicos, RN, em 1963. Dizemos reinventar porque isso era o que Paulo Freire queria que fizessem com suas ideias. Ele afirmava que não era para copiá-lo, mas para reinventá-lo. Isso tentaremos fazer.

Vamos começar pelo começo. Você já deve ter percebido uma grande diferença entre os dois cursos: a alfabetização passou a ser uma alfabetização filosófica. E o que significa “alfabetização filosófica”? É algo complexo, como todas as palavras. Às vezes pensamos que sabemos o que significam as palavras, mas basta que as olhemos mais de perto e já não parecem tão simples. Vejamos por exemplo “alfabetização”. Parece fácil, não parece? Alguém diria: “Alfabetizar é ensinar a ler e escrever”. Será? Alguém perguntaria: “Ensinar ou ajudar a aprender?”. Outra perguntaria: “Ler e escrever o quê? Palavras? O mundo?”. Outro questionaria: “Como sei que estou lendo? Ler é dizer palavras em voz alta?

Conhecê-las? Compreendê-las criticamente? Inventá-las?”. Poderíamos continuar, mas você já deve ter percebido o significado complexo da alfabetização.

Imagine então “alfabetização filosófica”!!! Porque, para todas as complexidades da alfabetização, temos que somar as que vêm quando se trata de uma alfabetização “filosófica”. Como definir o que faz com que algo seja filosófico? A filosofia é uma relação com o saber? Ela se nutre de perguntas? Ela aposta no pensar? Ela inventa conceitos? Ela ajuda a escutar, a dialogar e a colocar mais atenção nas palavras?

Enfim, uma alfabetização filosófica poderia ser entendida de muitas maneiras. Nós pensamos que ela pode ser uma companheira para a educação que desejamos. Simón Rodríguez, um educador venezuelano, mestre do libertador Simón Bolívar, dizia, no século XIX, que antes de aprender a ler e escrever é necessário aprender a pensar.

De modo que uma alfabetização filosófica prepara, dá sustento a uma alfabetização. Claro que para nós do NEFI o método da aprendizagem deve ser coerente com o que se busca, de modo que nos alfabetizaremos filosoficamente filosofando, pensando, perguntando, escutando, estudando, conversando com atenção, amorosidade, cuidado, beleza, entre iguais que se sabem diferentes e querem pensar juntos(as) o mundo que os rodeia. A alfabetização filosófica será tanto o que almejamos, quanto nossa companheira de rota.

Durante esta semana, nós do NEFI, estaremos à sua disposição para irmos construindo juntos(as) essa alfabetização filosófica, que nos permite habitar o mundo de maneira mais igualitária, amorosa, errante. Para isso, queremos saber quais são as suas expectativas em relação a nosso curso de alfabetização filosófica. Queremos escutar suas perguntas, suas curiosidades, suas inquietações. De modo que pedimos que escreva algo sobre suas expectativas, suas perguntas, antes do curso, e traga essa escrita ao início do nosso curso como maneira de acolhimento entre nós.

Preparemo-nos, então, para viajar no pensamento. Não há educação sem risco e sem exposição. Vamos arriscar juntos(as) para sentir como o mundo é diferente quando o pensamos juntos(as). E, assim, vamos nos preparar para

reinventando a prática alfabetizadora de paulo freire. uma experiência de alfabetização filosófica em pau dos ferros, RN.

enfrentar o analfabetismo ainda presente em nossa sociedade. Esse é o convite! Conte conosco para viajarmos juntos. O que você deseja trazer para essa viagem?

Rio de Janeiro, 20 de maio de 2022

Equipe do Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias – NEFI/UERJ
(Alfabetização filosófica em 40 horas/Pau dos Ferros/RN)

submetido: 28.11.2022

aprovado: 30.12.2022